

ANTHONY EVERITT



A ASCENSÃO DE

ATÉNCIAS

A HISTÓRIA DA MAIOR CIVILIZAÇÃO DO MUNDO

Tradução

Thereza Christina Rocque da Motta

CRÍTICA

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	11
INTRODUÇÃO.....	21
OS TRÊS COMPANHEIROS.....	31
1. HERÓI NACIONAL.....	33
2. UM ESTADO DE GUERRA.....	42
3. A MULA PERSA.....	55
A INVENÇÃO DA DEMOCRACIA.....	75
4. O LIVRAMENTO.....	77
5. O AMIGO DOS POBRES.....	93
6. OS COCHEIROS DA ALMA.....	101
7. INVENTANDO A DEMOCRACIA.....	113
A AMEAÇA PERSA.....	125
8. OS INVASORES DO ORIENTE.....	127

9. A RAPOSA COMO PORCO-ESPINHO	142
10. A INVASÃO	155
11. "UM COMPORTAMENTO DE IDIOTAS"	169
12. "Ó, DIVINA SALAMINA"	178
OS CONSTRUTORES DO IMPÉRIO	199
13. A LIGA DAS NAÇÕES	201
14. A DESAVENÇA.	218
15. AS GENTIS	234
16. "COROADA DE VIOLETAS"	244
A GRANDE GUERRA.	265
17. OS PRISIONEIRO DA ILHA.	267
18. O HOMEM QUE NADA SABIA	296
19. A QUEDA	311
20. O FIM DA DEMOCRACIA?	334
A LONGA DESPEDIDA	355
21. A VEZ DE ESPARTA	357
22. QUERONEIA — "FATAL PARA A LIBERDADE"	383
23. POSFÁCIO — "UM BURACO ESQUECIDO POR DEUS"	421
GLOSSÁRIO	427
CRONOLOGIA	430
FONTES	437
BIBLIOGRAFIA.	440
NOTAS	443
ÍNDICE REMISSIVO	469
AGRADECIMENTOS	479

CRÍTICA

LISTA DE MAPAS

BACIA DO EGEU	18
ANTIGA ATENAS	20
PLANÍCIE DE MARATONA	134
BATALHA DE SALAMINA	184
ATENAS, PIREU E AS GRANDES MURALHAS	229
BATALHA DE QUERONEIA	411

CRÍTICA

PREFÁCIO

Quando era criança, devorei um livro de histórias da época vitoriana que narava lendas das mitologias grega e romana. Li cada palavra, exceto os poemas melosos e enjoativos que surgiram em algumas páginas.

Minha avó paterna notou meu interesse pelo mundo antigo e comprou para mim três livros dos clássicos da Penguin, na época, um lançamento editorial. Escolheu as versões de E. V. Rieu da *Iliada* e da *Odisseia* de Homero e uma tradução de *O banquete* de Platão. Casada com um fazendeiro, ela não tinha erudição clássica, e o último desses livros chegou um pouco cedo demais para uma criança pré-púbere como eu, que ficou fascinada com as referências à homossexualidade helênica. Mas não poderia ter experimentado melhor sentido, cheiro e sabor da civilização grega. Homero e Platão me introduziram a um mundo novo e efusivo que, apesar de toda a tragédia e de todo o derramamento de sangue, irradiava a luz do sol e os céus luminosos do pensamento livre.

Por um período de duzentos anos, nos séculos V e IV a.C., os antigos atenienses foram os pioneiros de avanços surpreendentes em quase todas as áreas do esforço humano. Inventaram a única democracia (a palavra em si é grega) real ou completa que existiu fora da era clássica. Considerando que hoje nós meramente elegemos representantes para agir em nosso nome, os cidadãos de então se reuniam em assembleia e tomavam todas as decisões importantes. (Preciso fazer uma ressalva aqui: a entrada era limitada aos homens na idade adulta e, portanto, excluía dois grandes grupos sociais: as mulheres e os escravos.)

Os atenienses acreditavam na razão e em seu poder de solucionar os mistérios da condição e da natureza humana. Estabeleceram os conceitos e a linguagem da filosofia e levantaram questões que os pensadores de hoje ainda debatem. Foram pioneiros na arte da tragédia e da comédia, na arquitetura e na escultura. Inventaram a história como narração e interpretação precisas do passado. Com seus colegas gregos, desenvolveram a matemática e as ciências naturais.

Devemos, porém, tomar cuidado para não exagerar. Os atenienses faziam parte de um avanço helênico genérico e tomavam emprestadas ideias e tecnologias de seus vizinhos não gregos – por exemplo, os egípcios e os persas –, apesar de seu desprezo pelos “bárbaros”. Se soubéssemos tanto sobre as outras sociedades inseridas e em torno do Mediterrâneo Oriental nos tempos clássicos quanto sabemos sobre os atenienses, talvez eles não nos parecessem tão excepcionais. Provavelmente, seriam considerados secundários.

No entanto, mesmo que os atenienses não fossem únicos, isso não subtrairia nada de tudo o que eles realizaram. A grandeza de Sócrates não será comprometida pela descoberta de um opositor mudo e desconhecido.

Embora os atenienses fossem de fato racionalistas, também eram profundamente religiosos. A adoração dos deuses do Olimpo integrava-se em todos os aspectos da vida cotidiana. A maioria acreditava que essas divindades antropomórficas atuavam no grande jogo da história tanto quanto os seres humanos.

No Ocidente, notamos com alguma complacência que uma democracia ateniense totalmente independente durou apenas cerca de duzentos anos. É bom lembrar que nossas próprias democracias, em sua forma completa, ainda não chegaram a essa duração.

A mecânica do sistema democrático ateniense é relevante para o mundo eletrônico de hoje: a chegada dos computadores significa que, se assim desejássemos, poderíamos retornar da democracia representativa para a direta. Como no auge da Atenas clássica, as pessoas de fato seriam capazes de tomar todas as decisões importantes. Cada cidadão seria, com efeito, um membro do governo. Somos corajosos o suficiente para dar um passo tão radical?

Frente a todas as maravilhas da antiga Atenas, ou melhor, por causa delas, enfrentei uma questão fundamental. Como foi que essa pequena comunidade de 200 mil almas (em outras palavras, não é mais populosa do que, digamos, York, na Inglaterra, ou Little Rock, no Arkansas) conseguiu dar origem a gênios gigantescos em toda a extensão da capacidade humana e de criar uma das

maiores civilizações da história? Na verdade, lançou as bases de nosso próprio universo intelectual contemporâneo.

Em meu relato da ascensão e queda da cidade, busco responder a essa pergunta – ou, pelo menos, apontar uma resposta.

Se pudéssemos viajar mais de dois milênios e andar pelas ruas e vielas da antiga Atenas, talvez encontrássemos os grandes dramaturgos Ésquilo, Sófocles e Eurípidas; o escultor Fídias; o comediante Aristófanes; e o vilão da política ateniense Alcibíades. Talvez assistíssemos a uma aula de ética de Sócrates numa sapataria à beira da ágora e conhecêssemos dois de seus alunos, Platão e Xenofonte. Em uma assembleia, ouviríamos um discurso de seu maior estadista, Péricles.

Esta é a Atenas que evoco, começando com seus primeiros séculos de reis, tiranos e aristocratas, passando para a invenção da democracia e do apogeu político e cultural da cidade, e concluindo com seu declínio na forma de uma agradável “cidade universitária”.

A história é muito menos conhecida que a de Roma, mas teve uma influência enorme na posteridade e na civilização ocidental de hoje; ou seja, influência em nós. Os atenienses lançaram as fundações da casa em que vivemos hoje. Devemos lembrar e celebrar o que eles construíram. E que história é essa – repleta de aventuras e extraordinárias reviravoltas do destino.

No tabuleiro do jogo da política do Mediterrâneo Oriental do século VI ao IV a.C. havia três jogadores principais.

O primeiro foi Atenas. Era uma potência marítima e não terrestre e incentivava o comércio em todo o mundo conhecido. Suas frotas passaram a dominar o mar Egeu. Seus cidadãos compravam e vendiam bens e serviços, dedicavam-se à cultura e às artes e eram inquisitivos e de mente aberta.

Esparta era diferente em todos os sentidos, uma das sociedades mais estranhas da história da humanidade. Uma cidade-estado no Peloponeso, a península que compõe o sul da Grécia, era altamente disciplinada e dedicada à guerra. Foi amplamente reconhecida como a principal potência grega. Lá os cidadãos do sexo masculino viviam coletivamente e passavam grande parte da vida em acampamentos comunitários. Chamados “espartos” ou (para lhes negar sua individualidade) “Iguais”, eram proibidos de cultivar ou comercializar e eram educados como soldados profissionais. Conquistaram

grande parte do Peloponeso e escravizaram sua população como servos ou escravos (hilotas). Esses hilotas serviam seus senhores trabalhando as propriedades para eles; eram frequentemente humilhados e podiam ser mortos a qualquer hora.

Os rapazes espartanos foram treinados brutalmente para serem brutais. O objetivo era transformá-los em combatentes impiedosos, que abdicassem de sua riqueza pessoal e fossem silenciosos, modestos e educados. Sua comunidade era autossuficiente – fechada, obstinada e totalitária –, com pouco interesse pelo mundo exterior.

O terceiro jogador era o vasto Império Persa, do outro lado do mar Egeu. Em meados do século VI, um nobre iraniano, Ciro, o Grande, conquistou e anexou todos os grandes reinos do Oriente Médio. Em última análise, os domínios de Ciro se estendiam dos Bálcãs ao rio Indo, da Ásia Central ao Egito. Era um monarca absoluto.

As cidades gregas prósperas ao longo do litoral da Ásia Menor caíram sob seu domínio. Este foi um insulto permanente a todo o mundo grego, que via os estrangeiros como bárbaros – isto é, *barbaroi*, ou pessoas que fazem ruídos como “bar-bar” em vez de falar grego corretamente. Aqui, as camadas de rocha tectônica de duas culturas se encontraram e se chocaram uma com a outra.

O conflito era inevitável. Como num balé complicado, esses dançarinos entrelaçavam o corpo, revezando amigos e inimigos, alternando, por sua vez, da guerra para a paz e novamente para a guerra.

As três grandes potências desfrutaram de altos zênites, mas todas acabaram por enfrentar a derrota e o desastre. Seu progresso contém todas as emoções de uma montanha-russa histórica.

Eu escrevo uma história narrativa. Nunca revelo fatos futuros ou finais enquanto narro, pois quero que os leitores não tenham uma ideia antecipada do que acontecerá a seguir tal como aqueles que viveram os fatos que descrevi. Se não estiverem familiarizados com a história antiga, vivenciarão os momentos como eles aconteceram.

Algumas histórias nas fontes antigas têm um contorno suspeitamente fictício – ou pelo menos é o que dizem acadêmicos exigentes. O encontro de Sólon com o rei Cresos da Lídia (ver página 91) é um bom exemplo disso. Nem sempre podemos dizer, a essa distância, se são verdadeiras ou falsas. Como mitos e lendas, no entanto, são boas histórias, e mesmo que algumas delas

tenham sido edulcoradas, dão uma boa ideia de como os gregos se viam. Por isso, reconto-as animadamente.

Faço o melhor possível para esboçar o registro ateniense nos campos da filosofia e das artes, mas aqui cabe apenas um esboço. Ésquilo, Sófocles e Eurípides são representados por obras-primas, incluindo *Oréstia*, *Antígona* e *As mulheres de Troia*, e as ideias de Platão e Aristóteles são apenas esboçadas. *Lisístrata* fala por Aristófanes. E espero ter feito o bastante para dar a ideia de sua grandeza.

Historiadores antigos variam muito em qualidade, com parte do século V sendo muito mais bem coberto do que o IV. O trabalho de muitos escritores foi total ou parcialmente perdido graças à corrosiva passagem do tempo. Tucídides é o maior historiador de todos os tempos – na verdade, ele é tão bom que ficamos presos à sua versão dos fatos. Os autores menores desistem, oferecem alguns dados para o acadêmico moderno e permitem correções e novas interpretações. O que Tucídides não escreveu torna-se um espaço vazio que, em geral, não conseguimos preencher, e o que ele escreveu é praticamente irrefutável.

Há tópicos em que mesmo os melhores cronistas, como Tucídides, não tocam, exceto tangencialmente – por exemplo, economia e vida social. Também sabemos muito mais sobre Atenas do que sobre qualquer outra das muitas cidades-estados e suas colônias mediterrâneas que compunham a Grécia antiga. De uma forma ou de outra, temos menos a dizer do que gostaríamos sobre fatos mais amplos.

Existem muitos assuntos sobre os quais os especialistas de hoje discordam. Em geral, toco em seus debates apenas nas notas finais e deixo a narrativa principal livre da controvérsia acadêmica.

Como devo escrever os nomes de pessoas e lugares? Na Europa Ocidental, fomos apresentados pela primeira vez à literatura e à história da Grécia antiga por meio dos romanos e da sua língua, o latim. A convenção foi estabelecida usando a ortografia latina para nomes próprios helênicos. Foi somente no Renascimento que a maioria dos europeus entrou em contato direto com o grego como língua, mas a prática já estava arraigada demais para ser alterada.

Assim, a maioria fala de Aquiles e não Achilleus, Alcibíades e não Alkibiades, Platão e não Platon. Decidi manter essas formas romanas por causa de sua familiaridade; os leitores ficariam intrigados e assustados com uma transliteração estritamente precisa do alfabeto grego para o europeu. Alguns termos técnicos esotéricos são isentos dessa regra.

Também alguns nomes muito famosos têm versões anglicizadas que a maioria usa e eu prefiro – por exemplo, Atenas a *Athenai* (grego) ou *Athenae* (latim); Corinto (português) a *Korinthos* (grego) ou *Corinthus* (latim); e *Esparta* (latim) a *Sparte* (grego). Eu tomo emprestado as versões greco-latinas de nomes estrangeiros e principalmente persas: então me refiro a Astíages, o rei da Média, em vez de Ishtumegu. Lugares menos conhecidos do mundo grego assumem sua forma original. Em suma, toda regra tem uma exceção, e eu segui meu gosto.

Em nomes próprios que terminam com “e”, o “e” é pronunciado como “ii” (em grego seria “ay” como em “rei”); e naqueles que terminam com “es”, como “ees”, seria como “iis”.

É difícil ser preciso quanto ao valor do dinheiro, porque o valor relativo dos diferentes produtos varia de tempos em tempos e de economia para economia. As principais unidades da moeda ateniense eram:

6 óbolos	=	1 dracma
100 dracmas	=	1 mina
60 minas	=	1 talento

Uma dracma era paga por um soldado a pé ou por um trabalhador qualificado nos séculos V e IV. A partir de 425 a.C., um jurado recebia do Estado um subsídio diário de meia dracma ou três óbolos, apenas o suficiente para manter uma família de três pessoas num nível básico de subsistência. Portanto, o pagamento era adequado e não extravagante. Um talento era uma unidade de peso e equivalia a 26 quilos; também significava o valor monetário de 26 quilos de prata. Os duzentos remadores que tripulavam uma trirreme durante a Guerra do Peloponeso recebiam um talento por um mês de trabalho.

Um óbolo era uma pequena moeda de prata. Ela era colocada na boca de um homem morto para que tivesse meios de pagar o barqueiro Caronte para atravessar do rio Aqueronte até o submundo.

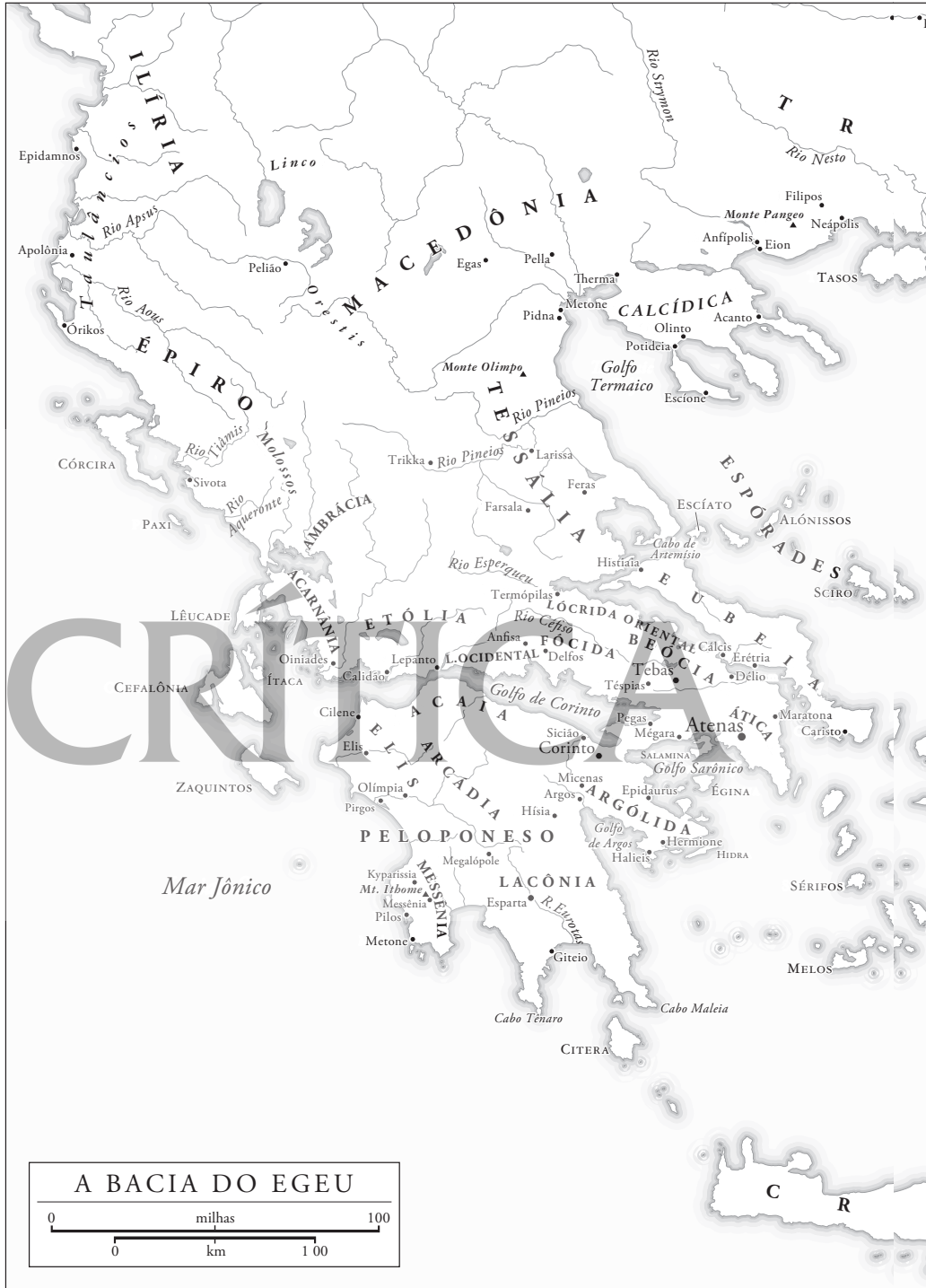
Omito o termo a.C. ou d.C. junto com as datas, exceto nos raros casos em que poderia haver mal-entendidos.

Em muitos aspectos podemos reconhecer o povo de Atenas; isso não é uma grande surpresa, pois foram pioneiros em diversos dos campos atuais de conhecimento. Mas, de várias maneiras, habitaram um universo moral e tecnológico

diferente. Seu lema era “conhecer a si mesmo”; simplesmente, eles não teriam compreendido o pedido cristão de “amar o próximo como a si mesmo”.

Se eu ajudar a preencher a lacuna entre nós e nossos antepassados helênicos e transmitir um pouco do meu entusiasmo pelos fundadores de nossa civilização, ficarei muito satisfeito.

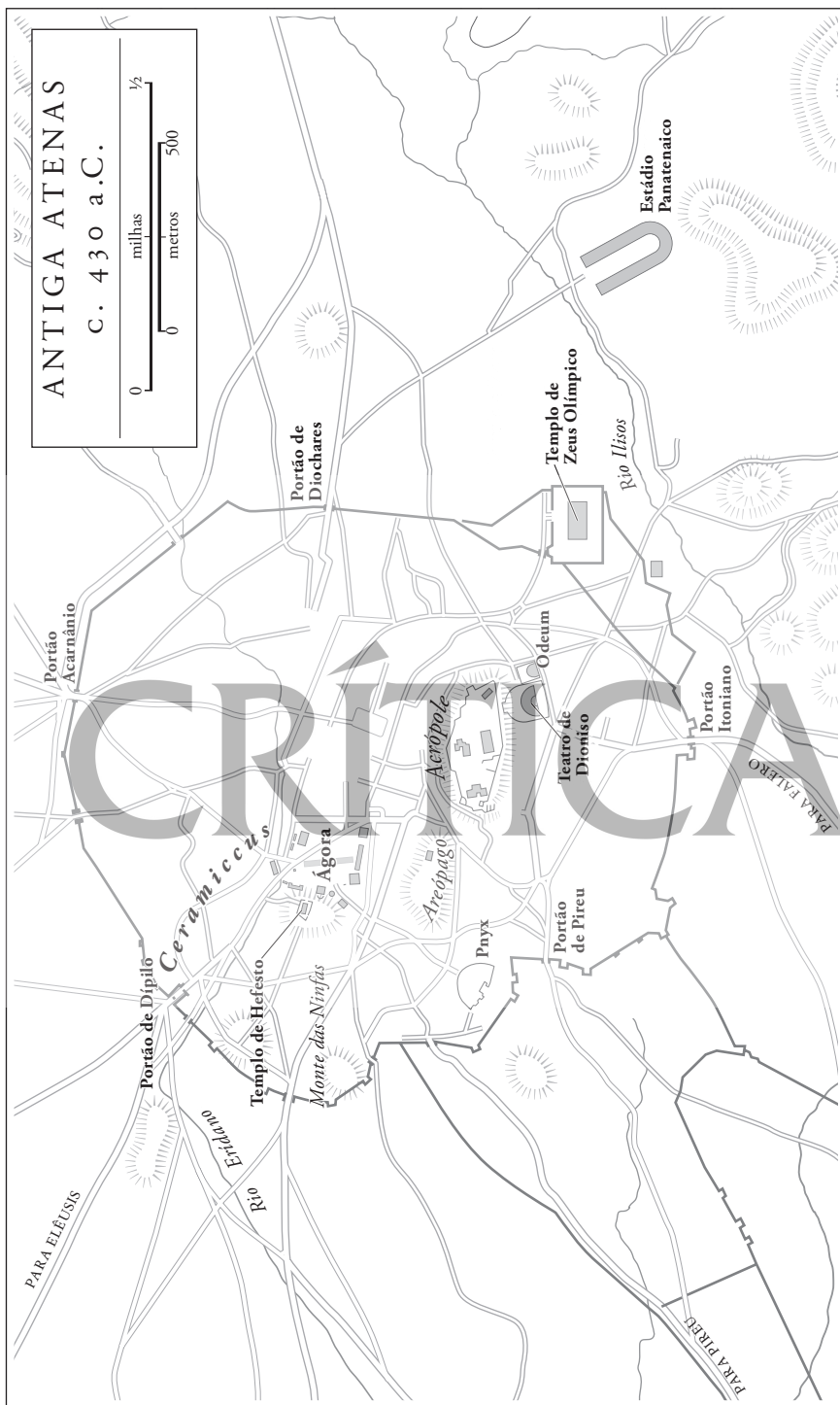
CRÍTICA



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.



INTRODUÇÃO

O jovem rei da estrangeira e incivilizada Macedônia obrigou a grande cidade de Atenas a se submeter e escravizou toda a Hélade, junto com sua briguenta horda de cidades-estados. Isso não aconteceu porque ele não gostasse dos gregos. Longe disso: ele admirava profundamente suas conquistas militares e culturais. De fato, ele desejava ser aceito como membro do clube helênico.

Era Alexandre, o Grande, filho de Filipe, e isso aconteceu em 334.

Mas qual era a natureza do grego e como alguém se apoderou dele? A maneira mais simples de responder à pergunta era estudar e digerir o poema épico *Iliada*. Situado num passado remoto, falava sobre o cerco de dez anos a Troia, uma cidade na Frígia, por um exército grego.

Todos os atenienses (na verdade, todos os jovens gregos) aprendiam sobre heróis como Aquiles e Agamenon, Heitor e Ulisses, que lutaram na guerra, e faziam o possível para imitá-los. Suas ações incorporaram o estado grego de ser. Alexandre se apresentou como o novo Aquiles, como o mais valente de todos os helenos.

Ele leu a *Iliada* pela primeira vez quando era criança, e isso guiou sua vida. Levou uma cópia consigo em suas viagens e, quando lhe apresentaram uma caixa ricamente ornada que pertencera ao Grande Rei persa, perguntou a seus amigos que objeto precioso deveria guardar dentro dela. Deram todos os tipos de sugestões, mas Alexandre respondeu, com firmeza, que depositaria ali seu exemplar da *Iliada* para resguardá-lo pelo esplendor.

Os helenos teriam rido das pretensões do arrogante rei, mas estavam ligados tão profundamente quanto Alexandre ao mundo que Homero havia conjurado. Foi ali que descobriram suas atitudes morais, pessoais, sociais e políticas.

Na verdade, era um mundo perdido, mesmo quando a *Iliada* foi escrita em algum momento no fim do século VIII. O poema era um texto longo, mas inspirado nas composições decoradas, ditas ou cantadas em ocasiões sociais importantes. Homero pode ter existido ou não, não sabemos. Pode ter sido um homem, um grupo de pessoas ou até mesmo uma mulher. Mas qualquer um que leia o poema se sentirá diante de uma mente controladora, não importa qual seja seu nome ou natureza. (Sua obra-irmã, a *Odisseia*, que descreve as aventuras de Ulisses, rei de uma pequena ilha na costa oeste da Grécia, e sua jornada de dez anos de volta de Troia, pode ter sido trabalho de outro autor.)

A Guerra de Troia aconteceu mesmo? Nós não sabemos. Mas, se a guerra ou algo parecido com ela de fato *aconteceu*, pode ter sido no fim de 2.000 a.C. Isso marcou o ápice da civilização da Idade do Bronze que dominou a Grécia e o Mediterrâneo Oriental. Ela é chamada de micênica a partir de sua principal cidade, Micenas, na região nordeste do Peloponeso. Seus reis e guerreiros navegaram pelo mar Egeu e saquearam Troia.

Poucos anos depois dessa vitória, misteriosos invasores puseram um fim violento à civilização micênica. Não sabemos quem eles eram, mas inauguraram uma época mal compreendida, que os estudiosos modernos chamam de Idade das Trevas. Seguiram-se séculos de colapso econômico e social. Isso quer dizer que Homero evocava um modo de vida apenas vagamente lembrado. A *Iliada* e a *Odisseia* são ficções, mas, em um sentido crucial, incorporam uma verdade histórica essencial, na medida em que mostraram a muitas gerações de gregos quem eles eram e os valores pelos quais deveriam viver.

Homero exerceu uma autoridade quase bíblica. Aqui, em resumo, está a história que ele conta.

O cerco de Troia durou uma década, mas os fatos na *Iliada* cobrem um período de apenas 54 dias no nono ano, e a maior parte da ação ocorre durante quatro dias inteiros. Esse recorte, contudo, capta tanto a glória quanto a tragédia da chacina que parece não ter fim.

A guerra em Homero é, em essência, uma sucessão de duelos entre príncipes e reis; eles andam em carruagens e atiram lanças contra seus oponentes.

As pessoas comuns circulam no fundo. Aquiles, um guerreiro belo, altivo e invencível, ocupa o cerne da história. Ele é, de longe, o melhor soldado entre os gregos, mas tem um temperamento terrível. Ele disputa, com seu comandante-chefe, o rei Agamenon de Micenas, duas lindas moças. A primeira é Criseida, filha de um sacerdote de Apolo, deus com aparência de um adolescente eternamente belo. Capturada pelos gregos durante um ataque, é doada como espólio humano a Agamenon. Seu pai reclama com o deus e implora por uma reparação.

Então uma peste atinge a força expedicionária. Os soldados estão amontoados em cabanas em uma praia não muito longe da cidade de Troia, poucos quilômetros para dentro do continente. Suas embarcações estão estacionadas na areia ao lado deles. Muitos morrem. Um adivinho anuncia que a epidemia é a punição do deus pela captura de Criseida e aconselha que ela seja devolvida ao pai imediatamente.

O mundo helênico era muito diferente do nosso. Os homens e as mulheres de Homero vivem simultaneamente no que poderiam ser chamados de universos paralelos. Em um deles, as coisas são como parecem: uma praga é uma praga. No outro, os deuses estão no comando. Nessa ocasião, Apolo desce em fúria ao acampamento. Suas flechas têm sobre seu tremor.

“Ele desceu como o anoitecer”, diz o poeta.

Sentou-se em frente aos navios e atirou uma flecha, que vibrou de forma terrível de seu arco de prata. Atacou as mulas e os cães ágeis. Então apontou as flechas afiadas para os homens e atacou repetidamente. Dia e noite, incêndios incontáveis consumiram os mortos.

Assim, por uma via de percepção um fato conta com uma explicação racional, e, por outra, tem uma razão sobrenatural. Os gregos acreditavam que ambas eram verdadeiras ao mesmo tempo.

As principais divindades do panteão helênico são uma família de imortais antropomórficos. Vivem em um palácio no alto do monte Olimpo, ao norte da Grécia. Gostam de brincadeiras e troças, e sua “risada insaciável” ecoa em volta das montanhas. Seus amores e ódios formam um novelão divertido, mas, como vimos, eles não são nem um pouco engraçados quando voltam sua atenção aos seres humanos.

O chefe da família é Zeus, o Trovejador e o Ajuntador de Nuvens – e um marido controlado por sua mulher. Sua esposa, Hera, está sempre conspirando para obstruir seus planos. Depois há a guerreira Atena, protetora de Atenas. Ela é a deusa da sabedoria e patrona das artes e ofícios. Considera seu pai “um obstinado e velho pecador, sempre interferindo em meus planos”. Ambas as deusas detestam os troianos e trabalham incansavelmente por sua queda.

Isso porque elas e a deusa do amor, Afrodite, haviam competido, há muito tempo, por causa de uma maçã de ouro que deveria ser dada à mais bela das três. Um jovem príncipe troiano, Páris, foi o juiz, e deu o prêmio a Afrodite. Ela lhe havia prometido o amor da mulher mais bonita do mundo caso ele a escolhesse.

A mulher chama-se Helena e, azar dos azares, já está prometida a outro. É a esposa do rei Menelau de Esparta, no sul da Grécia. Páris lhe faz uma visita, e eles fogem para Troia. É essa ofensa que desencadeia a guerra.

Esses deuses não são modelos de virtude e não esperam virtudes imutáveis de seus adoradores; em vez disso, cada um deles representa emoções, princípios ou habilidades que refletem e ampliam as qualidades dos seres humanos.

Os gregos eram profundamente religiosos – não tanto para aprender as regras da moralidade, mas para manter o lado bom dos deuses e descobrir suas intenções. Conseguiram isso sacrificando animais em sua honra e lendo suas entranhas e consultando adivinhos, livros proféticos e oráculos antes de tomar qualquer decisão importante. Realizavam festivais e cerimônias em homenagem aos deuses. Salpicavam o campo com templos, santuários, bosques e cavernas sagradas em homenagem a uma divindade ou outra. Não se incomodavam com o dogma teológico. Religião era mais um rito do que uma crença.

Agamenon convoca uma assembleia geral do exército e de seus comonarcas e príncipes. Concorde em devolver Criseida ao pai, e Apolo para de atirar. A peste termina. O rei, então, comete um erro grave. Para compensar a perda, confisca Briseida, outra bela prisioneira, que fora destinada a Aquiles. Enfurecido, o guerreiro se afasta da guerra e fica de mau humor em sua tenda.

Ele medita sobre sua sina. No seu nascimento, o destino deu-lhe a chance de uma vida curta, porém gloriosa em campo de batalha, ou uma vida longa, mas sem qualquer distinção em seu lar. Não havia escolha. Desde seu nascimento, sua mãe, uma deusa do mar chamada Tétis, tentou todos os truques para salvá-lo de uma morte prematura. Quando Aquiles era criança, ela vestiu-o

com roupas femininas e criou-o entre as meninas. Mas a inesperada gravidez de uma companheira revelou o verdadeiro gênero do rapaz.

Como a maioria dos gregos, o adulto Aquiles reconhece a brevidade da vida e, embora acredite que a morte não seja o fim, tem poucas esperanças de felicidade no submundo, onde os espíritos dos seres humanos passam uma eternidade indefinida e fútil.

Em sua longa jornada de volta para casa após o fim da guerra, o astuto Odisseu (ou Ulisses) recebe o raro privilégio de visitar o submundo ainda vivo. Encontra o fantasma de Aquiles, que está tão zangado quanto costumava estar à luz do sol. Ele reclama da vida após a morte:

Põe-me na terra outra vez, e eu preferiria ser um servo na casa de um sem-terra, que tivesse pouco para viver, a rei de todos esses homens mortos que viveram. Mas basta.

Alguns anos antes, enquanto Aquiles ainda vivo senta-se ocioso na praia em frente a Troia, ele sabe o que está reservado para si. Ele é muito competitivo, uma característica que compartilha com as futuras gerações de gregos que serão tão controvertidos quanto. Homero expressa a atitude geral de maneira concisa, quando põe estas palavras na boca de um guerreiro: “Deixe que seu lema seja: *Eu conduzo*. Esforce-se para ser o melhor”. Por enquanto, contudo, Aquiles deixa sua agressividade calar.

Os troianos, liderados pelo príncipe Heitor, o filho mais velho do rei de Troia e um lutador à altura de Aquiles, começam a ganhar a vantagem nas batalhas na planície entre a cidade e o mar. Os gregos (ou aqueus, como eram chamados no poema) constroem um grande muro defensivo para proteger seus navios e o acampamento na praia. Homero descreve os combates sangrentos em detalhe. Com isso ele consegue dois efeitos simultâneos e contraditórios: a guerra é gloriosa e, ao mesmo tempo, terrível.

Um feroz guerreiro grego chamado Ájax corre solto. Homero, que tem um talento maravilhoso para comparar os altos feitos de reis e príncipes com as baixas experiências da vida cotidiana, compara Ájax a um “asno que consegue extrair o melhor dos rapazes sob seu comando; transforma a batalha em uma plantação e serve-se à vontade da sua colheita”. Acrescenta que o animal não dá atenção às pauladas que leva nas costas, até ter-se alimentado bastante.

Em outra imagem reveladora, a deusa Atena coloca no peito do rei Menelau “a ousadia de uma mosca, que aprecia tanto o sangue humano, que volta a atacar, mesmo sendo enxotada com frequência pela mão do homem”.

Mas para todo vencedor de uma guerra há um perdedor. O poeta dá a cada um dos inúmeros mortos um epítáfio tocante. Em um dos muitos assassinatos, um arqueiro dispara uma flecha no peito de um jovem troiano. Fazendo uma analogia perfeita e comovente, Homero escreve: “Puxada pelo peso de seu capacete, a cabeça de Gorgition cai para o lado, como a corola pendente de uma papoula, carregada de sementes e das chuvas da primavera”.

Zeus senta-se no topo de uma montanha próxima, tropejando de modo sinistro e soltando relâmpagos, enquanto analisa a cena. Não afasta seus “olhos brilhantes” da luta nem por um minuto.

Tudo parece ir tão mal para os gregos que Pátroclo, o melhor amigo de Aquiles (e, segundo alguns, um antigo amante dele), implora para que ele se junte à luta. Aquiles, relutante, concorda e empresta a Pátroclo sua famosa armadura.

Há algo quase psicopático na natureza de Aquiles. Conversando com o amigo, imagina-os sozinhos, vivos e triunfantes sobre o mundo todo. “Quão feliz eu me sentiria se não restasse nenhum troiano com vida, nenhum, nem nenhum grego; e se nós dois sobrevivêssemos ao massacre, quão feliz eu me sentiria ao tirar o santo diadema das torres de Troia sozinho!”

Quando Pátroclo entra na batalha, todos o confundem com Aquiles, por causa da armadura. Mata muitos inimigos, mas não sabe quando deve parar. Depara-se com Heitor, um lutador melhor do que ele, que o mata e arranca-lhe a armadura de Aquiles. Depois de uma luta feroz, os gregos resgatam seu corpo.

Aquiles está devastado. Os heróis em Homero expressam seus sentimentos, e ele não para de chorar. À noite, sonha com Pátroclo e estende os braços para abraçá-lo. Em vão. A visão

desapareceu como uma nuvem de fumaça e começou a tagarelar no subsolo. Aquiles saltou de espanto. Bateu as mãos e, desolado, gritou: “Então, é verdade que algo de nós sobrevive... mas sem inteligência, apenas o fantasma e a aparência de um homem”.

Determinado a se vingar, Aquiles disputa com Agamenon e sai, mais uma vez, para lutar contra os troianos. Persegue Heitor, que se acovarda e foge. Por fim, o troiano para, sem fôlego, e enfrenta seu inimigo implacável.

Os deuses assistem em silêncio. Zeus confessa seu carinho por Heitor e pede aos outros que concordem em poupar sua vida. “O que está falando?”, diz Atena num rompante, acrescentando que o destino dele já estava traçado havia muito tempo. “Faça o que quiser. Só não espere que todos o aplaudamos.” Zeus cede em sua opinião.

Aquiles mata Heitor. Então ultraja seu corpo, que pretende jogar aos cães. Mas um enterro apropriado é um passaporte essencial para o submundo e, após as derrotas militares, os gregos sempre negociavam os direitos do funeral de seus mortos.

Zeus insiste na dignidade para o morto. Envia uma mensagem ao brutal vencedor: Heitor deve receber seus rituais funéreos completos. O velho rei de Troia, Príamo, atravessa secretamente a planície batida pelo vento e se apresenta a Aquiles, a quem oferece ricos presentes. Pela primeira vez o guerreiro grego se comporta de forma nobre. Reconhece que a dor de Príamo por seu filho tem a mesma profundidade e o mesmo caráter que o amor de seu próprio pai e a pena de si mesmo, uma vez que ele também não voltará para casa para ser enterrado.

Os dois homens enlutados ceiam juntos. Isso é importante, pois significa que Aquiles reconheceu Príamo como um convidado, um relacionamento sagrado selado com presentes. Em troca daqueles que trouxera, o rei recebe o corpo de Heitor. Eles choram juntos e compartilham o luto. Aquiles diz: “Nós, os homens, somos seres miseráveis, e os deuses, que não têm preocupações, teceram a tristeza no cerne de nossa vida”. Junto com suas rivalidades cruéis, seu egoísmo radiantemente sociopata, os gregos compreendem muito bem a tragédia da condição humana. A vida é efêmera e cheia de dor.

Homero escreve, em outra parte, linhas reconhecidamente famosas:

Homens ao longo de suas gerações são como folhas das árvores. O vento sopra e as folhas que nasceram durante o ano espalham-se no chão, mas as árvores abrem seus brotos frescos quando chega a primavera. Da mesma forma, uma geração floresce, enquanto outra finda.

Depois de uma noite de sono, Príamo e Aquiles partem e seguem seus caminhos. Ambos sabem o que o destino reserva para eles. O rei enterra seu

filho. Aqui a *Iliada* chega ao fim, mas o que foi previsto acontece. Logo Aquiles é morto pela flecha lançada pelo arco de Páris. Ele não vive para assistir à queda de Troia, provocada mais pela astúcia do que pela coragem.

Os gregos fingem abandonar o cerco e partir. Deixam para trás um enorme cavalo de madeira, como uma oferenda aos deuses. Os tolos troianos arrastam-no para dentro dos muros da cidade e celebram o fim da guerra. Mas, claro, o cavalo contém uma tropa de homens armados. No meio da noite, eles emergem e deixam o exército grego entrar na cidade. Troia cai e é destruída. Príamo é abatido pelo filho de Aquiles.

Helena volta para Esparta.

Homero sugere que a Guerra de Troia conquistou pouco. Muitos bravos homens morreram. E a família de deidades do Olimpo passa a cuidar de outros assuntos. Divindades que se opuseram durante a disputa, o deus do mar Poseidon e Apolo, decidem destruir o grande muro de defesa que os gregos ergueram em volta de seus navios. Fora construído sem o consentimento do céu.

Agora que Troia acabou e “os melhores troianos estavam mortos e muitos gregos também, embora alguns tenham restado”, tudo o que ficou foi essa fortificação maciça. Os deuses atiram contra ela as águas de todos os rios da região. Zeus, o deus do céu, ajuda fazendo chover sem parar. Depois de nove dias, o muro e suas fundações foram levados para o mar. Poseidon, em seguida, cobre a larga praia com areia novamente e devolve os rios aos seus antigos cursos.

É como se nada tivesse acontecido naquele litoral manchado de sangue. Helena teria valido a pena? Heitor, Aquiles e todos os outros tinham realmente morrido pelo quê? Para a maioria dos gregos, a resposta era óbvia. Qualquer que fossem seus motivos ostensivos e sem sentido, os atos de bravura conferiam glória a eles mesmos. Nenhuma outra justificativa era necessária. No submundo, o valor não produzia benefícios de ordem prática.

A virtude era seu próprio prêmio, por assim dizer.

Então, agora, através das névoas do tempo, vemos o contorno dos gregos. O próprio fato de uma expedição percorrer uma longa distância por água é a prova da importância da navegação para um povo que habita uma terra rochosa com poucas estradas. Os helenos compartilhavam uma linguagem, com deuses e dialetos mutuamente inteligíveis. Acreditavam profundamente na honra ou no *status* pessoal (*timē*). Estavam comprometidos com a justiça e o estado de

direito. Viam a crueldade e o desperdício da guerra, mas celebraram a bravura. Reconheciam o mal causado pela precipitação, mas sentiam, ao mesmo tempo, algo esplêndido nisso.

Não podemos chamar uma sociedade liderada por governantes impulsivos como Agamenon ou Aquiles de democrática, mas estes não eram déspotas. Tinham de consultar a opinião pública e convocavam reuniões regulares para aconselhá-los sobre questões importantes, uma tradição mantida nos séculos posteriores.

Eram religiosos sem doutrina; sua família de imprevisíveis deidades sentia as mesmas paixões “humanas” como eles. O que vemos como mitos e lendas eram reais para os gregos; seus deuses de fato existiam, e os heróis de um passado remoto eram considerados figuras históricas.

Não havia um código sagrado para os mortais. Só podiam controlar os deuses do Olimpo por meio de orações e sacrifícios. Havia um limite, no entanto, para o que poderia ser feito, pois o curso da vida tanto de homens quanto de mulheres havia sido predestinado pelas Moiras, três velhas anciãs que teciam o futuro com os fios da vida humana.

A busca competitiva pela excelência era um atributo essencial para um bom homem. Mas, como mostra Homero, essa rivalidade disputada tinha seu lado obscuro e, nos séculos seguintes, refletiu-se em discussões nefastas que desequilibraram as diversas cidades-estados independentes que compunham a Hélade. Os gregos faziam questão de discordar de seus vizinhos, hábito que os conduziu à sua queda.

Apesar do rio de sangue derramado nas páginas da *Iliada*, a atmosfera subjacente é otimista. Isso se deve em parte ao bom humor de Homero; como veremos, a comédia e o riso insuflam a cultura ateniense, senão a grega. Além disso, na *Iliada*, objetos feitos pelo homem – navios, ferramentas ou móveis – são sempre bem-feitos. Ao chamar pelo nome um de seus personagens, Homero gosta de adicionar uma frase descritiva ou um adjetivo. Então, Páris é “divino”, mesmo quando é covarde. Esses epítetos descrevem o verdadeiro caráter do homem, especialmente quando não está à sua altura.

Se os helenos se uniam em torno de algo, era à inimizade permanente entre eles e os sucessores de Troia. Por volta de meados do século VI, esses foram os Grandes Reis que fundaram e mantiveram o Império Persa, estendendo-se, em seu ápice, de Egito e Anatólia até a fronteira da Índia. Esses orientais decadentes, como os consideravam, eram os bichos-papões do mundo helênico.

Resumindo, a Grécia não era um lugar, como é hoje o estado-nação nos Bálcãs, mas uma ideia. E onde quer que vivesse, o grego era alguém que falava a mesma língua dos outros gregos – e que sabia bem o seu Homero.

Embora o grande filósofo Aristóteles o tenha ensinado sobre o pensamento mais atual sobre o mundo, Alexandre, o Grande, sentia-se um atrasado. Era um guerreiro homérico, um Aquiles de tempos posteriores, um homem de ação e não um intelectual. É irônico que esse amante de todas as coisas gregas tenha levado a um fim violento as liberdades da civilização que tanto admirava e tenha interrompido o grande experimento democrático do qual a cidade de Atenas foi a pioneira.

É a extraordinária história desse experimento que é contada nas páginas seguintes. Antes de tudo, devemos conhecer as três principais potências do Mediterrâneo Oriental: a própria Atenas, Esparta e o Império da Pérsia, pois foi o entrelaçamento de suas rivalidades e seus valores opostos que levou, uma após a outra, aos seus triunfos – e à sua ruína.

CRÍTICA

OS TRÊS COMPANHEIROS

CRÍTICA

CRÍTICA

HERÓI NACIONAL

A geografia de sua terra natal ajudou a moldar o caráter coletivo dos antigos atenienses e todas as outras comunidades esporádicas que compartilhavam a península grega. Montanhas nuas e rochosas são entremeadas com inúmeras pequenas planícies férteis. Mas a maior parte do solo é seca e coberta de pedras e mais adequada para olivais do que para campos de trigo. As viagens por terra entre os esparsos centros urbanos eram difíceis.

Atenas era a principal cidade de Ática, uma extensão de terra triangular com cerca de 2.330 quilômetros quadrados. Essa planície é cheia de montes e cercada de montanhas por dois lados e, em um terceiro, pelo mar. O monte Himetos era (e ainda é) famoso pelo seu mel, e o monte Pentélico, pelo seu mármore cor de mel, extraído para a construção de seus templos sagrados. Encontraram e extraíram ricos depósitos de chumbo e prata em Laurium, que ficava no sudeste. Os verões são quentes e secos, e fortes tempestades marcam o outono.

A pobreza da terra da Grécia gerou três consequências. Criou um individualismo forte, uma recusa impertinente em concordar com aqueles que viviam do outro lado das montanhas; havia muitos pequenos estados, e Atenas estava entre os maiores. Incapazes de alimentar uma população crescente, os atenienses se tornaram marinheiros, embora navegar fosse perigoso nos ventos de inverno. Por volta do século VIII, uniram-se a outros pequenos estados gregos para exportar o excesso de população para novos assentamentos em torno do

litoral mediterrâneo e importar os grãos do mar Negro e de outros lugares em quantidades cada vez maiores.

A cidadela de Atenas era a Acrópole, ou “cidade alta”, um local praticamente inexpugnável, a 120 metros do nível do mar. Há sinais de ocupação humana que remontam a 5000 a.C., mas sabemos pouco sobre o local durante a época dos monarcas micênicos.

Os atenienses afirmavam pertencer a um grupo étnico chamado jônio, que sempre viveu na Grécia (a palavra deriva de Jon, lendário rei de Atenas). Não muito depois da tradicional data da queda de Troia, no fim do segundo milênio, outro grupo, o dório, que falava grego, mas tinha seus próprios costumes culturais e dialeto, veio do norte e se estabeleceu na Grécia. Sob a pressão desses recém-chegados, alguns jônios emigraram para a Ásia Menor, onde se estabeleceram e prosperaram. Atenas defende ser “a terra mais antiga de Jônia” e sentia-se, de certa forma, responsável por seus parentes que viviam no exterior.

Não podemos dizer hoje quais dessas crenças são verdadeiras, assim não temos escolha senão abrir nossa narrativa com uma ficção instrutiva no lugar de fatos que não podemos provar.

O futuro de Atenas foi determinado por uma deusa, Palas Atena, e por um rei chamado Teseu, cujo caráter lendário expressa, para o bem ou para o mal, a identidade ateniense.

Também se recomendava não cruzar o caminho de Atena. Ela emanou poder já a partir do momento do seu nascimento. Seu pai, Zeus, teve relações sexuais com Métis, a personificação divina da Sabedoria, mas depois mudou de comportamento. Com medo que seu filho fosse mais inteligente do que ele, abriu a boca e engoliu Métis. Nove meses depois, sentiu um furor – literalmente, uma enxaqueca de rachar. Ordenou a seu filho Hefesto, deus da forja em metal, que golpeasse sua cabeça com um machado, esperando aliviar a dor. O divino ferreiro obedeceu, e de dentro da rachadura em seu crânio saltou Atena, em sua forma adulta e totalmente armada.

Ela era uma virgem eterna e uma menina. Como deusa da guerra, conseguia vencer em combate seu meio-irmão Ares (o Marte romano), senhor das batalhas, que se deleitava em matar homens e saquear cidades. No entanto, Atena não tinha nenhum prazer em lutar; preferia resolver disputas por meio de debates e mediações. Ela patrocinava os ofícios e a confecção de roupas.

É única entre os olímpicos a ter uma cidade em sua homenagem. Considerava Atenas sua, após uma discussão com Poseidon, deus do mar e irmão de Zeus. Como sinal de posse, ele espetou o tridente na Acrópole, e da rocha brotou uma fonte de água salgada (que flui até hoje). Mais tarde, Atena demonstrou sua posse de uma forma mais pacífica, plantando a primeira oliveira ao lado da fonte. Um Poseidon furioso a desafiou para um duelo, mas Zeus fez questão de que houvesse uma arbitragem pacífica. Uma corte de deuses do Olimpo premiou Atena. Poseidon, ressentido, enviou um maremoto para inundar Ática, então ela passou a morar na cidade, mantendo-a sob vigília constante.

Desde a Antiguidade, os atenienses recebem a deusa de braços abertos. Ela foi a mãe adotiva de um dos primeiros reis, o semidivino Erecteu. No século VIII, Homero celebrou

os atenienses, de sua esplêndida cidadela, no reino do magnânimo Erecteu, um filho da frutífera Terra, criado por Atena, filha de Zeus, e colocado por ela em seu rico santuário, onde touros e carneiros são oferecidos a ele, todos os anos, no devido tempo, por jovens atenienses.

Os atenienses aprenderam com sua deusa que a força militar era um braço valioso da política, mas que deveria ser equilibrado por *metis*, a sabedoria, ou, em seu sentido mais prático, o talento e a inteligência.

Egeu, lendário rei de Atenas da era micênica, não tinha filhos, mas, em suas viagens, passou uma noite com uma atraente princesa. Ele suspeitou, ou talvez apenas quisesse, que ela tivesse engravidado; então, escondeu uma espada e um par de sandálias sob uma pedra. Antes de sair, disse à mulher que, se ela desse à luz um filho, depois que ele crescesse, deveria mostrar-lhe onde estavam e pedir que os levasse a Atenas.

Um bebê nasceu no devido tempo, e ela o chamou Teseu. Quando se tornou um jovem, sua mãe lhe contou sobre os objetos, passando-lhe a mensagem de Egeu. Ele fez o que lhe foi dito e ergueu a rocha com facilidade. Recusou-se a levar o barco para Atenas, embora fosse o meio mais seguro de viajar. Em vez disso, procurando aventura, partiu por terra até Atenas. No caminho, buscou e destruiu vários opositores perigosos. O primeiro deles carregava um grande bastão, que Teseu passou depois a levar consigo, como Hércules, a quem

admirava, sempre usando a pele de um leão que havia matado. Depois veio Sinis, o arqueiro, que amarrava os viajantes a dois pinheiros que havia curvado até o chão; ele então os soltava, estraçalhando as vítimas.

Sentindo-se excitado, Teseu perseguiu a linda filhinha de Sinis, que, com razão, decidiu fugir. Plutarco narra que ele

procurou-a por toda parte, mas ela havia desaparecido em um lugar coberto de arbustos, juncos e aspargos selvagens. A menina, em sua inocência infantil, implorava às plantas que a escondessem, prometendo que, se elas a salvassem, nunca as pisaria nem as queimaria. Teseu a chamou e jurou que não iria machucá-la, que a trataria com respeito – então, ela saiu do esconderijo.

Quando a pegou, levou-a para sua cama. Depois que ela lhe deu um filho, casou-a com um homem qualquer. Por toda a vida Teseu foi um predador sexual.

Depois dessa diversão, retomou seus trabalhos de Hércules. Em seguida, estava, em sua lista, a terrível porca Cromion; alguns dizem que não era uma porca, mas uma assassina depravada apelidada de “porca devido a sua vida e seus hábitos”. De qualquer forma, Teseu a matou. Então despachou o ladrão Esciro. Seu *modus operandi* era estender os pés para os transeuntes num caminho estreito no penhasco e insistir que os lavassem. Enquanto faziam isso, jogava-os no mar. De outros desafiantes, o mais assustador foi Procrusto, que forçava os viajantes a se deitarem em sua cama de ferro; se fossem muito altos, cortava-lhes as pernas e, se fossem muito baixos, esticava-os até ficarem do tamanho certo.

Finalmente Teseu chegou a Atenas. Era um desconhecido. Sua túnica era estranhamente longa e tocava o chão. Seu cabelo era trançado e, de acordo com um antigo comentarista, “belo”. Passou por um canteiro de obras do templo e os construtores caçoaram dele. O que, eles zombavam, uma moça casadoira fazia passeando sozinha? Teseu não respondeu, mas retirou os bois da carroça e jogou-os em cima do telhado do templo. Ele não tolerava os tolos.

Estranhos na Grécia antiga eram normalmente recebidos com hospitalidade, e o rei ofereceu a Teseu uma ceia em seu palácio na Acrópole. Sua esposa, a célebre feiticeira Medeia – que retornara do mar Negro com os Argonautas

– sabia quem ele era. Com medo de perder sua posição com a chegada de um filho, convenceu o idoso e enfermo Egeu a envenenar esse convidado estrangeiro potencialmente problemático durante o jantar.

Por sua vez, o jovem preferia revelar sua identidade ao pai com bastante tato; quando a carne foi servida, sacou a espada como se fosse cortar um pedaço, esperando que o rei a reconhecesse. Egeu viu a arma e imediatamente reconheceu que ele era seu filho. Podemos supor que a comida tenha sido retirada. Após derrotar alguns concorrentes à sucessão do trono, Teseu tornou-se o herdeiro presuntivo. Medeia deixou a cidade.

Não muito tempo depois, coletores de tributos humanos chegaram de Creta. A maior das ilhas gregas era o centro de uma grande civilização marítima que floresceu a partir de 2700 ao século XV. Os arqueólogos modernos chamaram-na de minoica por causa de Minos, o mítico rei de Creta.

Seu filho morreu de forma misteriosa e violenta durante uma visita a Atenas, possivelmente nas mãos de Egeu. Minos estava corroído de tristeza. Lutou e venceu uma guerra vingativa contra Atenas e, em compensação por sua perda, exigiu que fossem entregues, a cada nove anos, sete rapazes e sete moças, escolhidos ao acaso. Eram enviados a Creta e aprisionados em um labirinto, onde havia um monstro, meio homem e meio touro, chamado Minotauro. Ele era o resultado de uma relação extraconjugal entre a mulher de Minos, Pasífae, e um touro branco, por quem se apaixonara. O monstro matava todos que fossem aprisionados ali.

A opinião pública dos atenienses era crítica em relação a Teseu. Ele era o herdeiro do trono, bastardo e estrangeiro, que vivia ileso, enquanto os filhos legítimos de pessoas comuns eram enviados a um destino terrível. Teseu entendeu a questão e apresentou-se para seguir junto com o grupo de jovens e destruir o Minotauro.

Tendo a mente ardilosa, trocou duas moças por dois belos rapazes; suavizou suas peles com banhos quentes, mantinha-os longe do sol, fez com que se maquiassem, deu-lhes vestidos e treinou-os para caminhar de modo feminino (veremos mais tarde que essa não foi a única vez em que um grego usou disfarces femininos como um truque mortal).

Das outras vezes, o navio que levava os cativos tinha uma vela negra como sinal de luto. Mas Teseu prometeu que daria ao capitão uma vela branca para ser içada na viagem de volta, como sinal de ter matado o Minotauro.

Ariadne, filha de Minos, apaixonou-se por Teseu e mostrou-lhe o que deveria fazer para vencer o complexo labirinto. Deu-lhe uma bola de barbante, que desenrolou enquanto entrava, para encontrar depois o caminho de volta. Como prometeu, ele matou o Minotauro e cortou-lhe a cabeça.

Teseu e os outros rapazes e moças fugiram de Creta. Ariadne, agora grávida, e sua irmã tinham seguido com eles, mas elas foram deixadas na ilha de Naxos. Ariadne enforcou-se de desespero (ou, de acordo com outro relato, casou-se com Dioniso, deus do vinho, que passava por ali).

Ao se aproximarem de Ática, Teseu e o capitão do barco se esqueceram de mudar as velas. Quando Egeu viu a embarcação entrar na baía com a vela preta, suicidou-se atirando-se do alto da Acrópole.

Como vimos, Teseu enganava as mulheres e por vezes era violento com elas. Ele e seu melhor amigo, originário da Tessália, chamado Pirítoo, raptaram Helena, depois conhecida como “de Troia”. Ele tinha cinquenta anos de idade e ela era pré-adolescente; ele dizia que queria mantê-la até ela ter idade suficiente para se casar com ele. Mas ela foi resgatada, e o plano falhou.

Teseu entrou em guerra contra as Amazonas, uma raça de mulheres agressivas que odiava os homens. A rainha, Hipólita, foi ludibriada a embarcar no navio de Teseu; ele a levou de volta a Atenas, onde se casou com ela. No entanto, logo a deixou de lado ao preferir a jovem irmã de Ariadne, Fedra.

Pirítoo teve a não muito brilhante ideia de descer ao submundo e raptar a Rainha dos Mortos, Perséfone. Ele levou Teseu junto, e os dois vagaram pelos sopés do Tártaro, um profundo abismo onde os maus são torturados por toda a eternidade. Eles foram presos e levados para o castigo eterno das Fúrias, antigas deusas da vingança, que tinham cobras em seus cabelos e chicotes nas mãos. Ambos foram colocados na Cadeira do Esquecimento e amarrados firmemente com serpentes – e lá deveriam viver para sempre.

Por um lance de sorte, Hércules passou por ali. Ele tinha de realizar seu último Trabalho, capturar Cérbero, o cão de três cabeças que guardava a entrada do Inferno. Ele convenceu Perséfone a perdoar Teseu, que foi devolvido à superfície. Seu companheiro, no entanto, continuou preso e, pelo que se sabe, está sofrendo até hoje.

Em seu retorno a Atenas, a atmosfera familiar no palácio da Acrópole ficou tensa quando Fedra passou a sentir uma paixão incestuosa por Hipólito, filho de Teseu com Hipólita. Ele, porém, rejeitou sua sedução. As falsas acusações

de Fedra enfureceram o rei, provocando a morte de seu filho nas mãos do deus do mar, Poseidon. Fedra, então, se matou devido à culpa.

Os atenienses tinham certeza de que Teseu era uma figura histórica. Uma galera de trinta remos, referida como o navio com que teria ido e voltado de Creta, foi preservada e ainda estava em exibição pública no século IV. Suas antigas tábuas de madeira foram substituídas por madeiras novas à medida que apodreciam. Isso rendeu aos filósofos uma questão para seus alunos: quando todas as madeiras tivessem sido trocadas, o navio seria o mesmo ou outro?

De fato, é claro, Teseu é um personagem fictício e provavelmente se originou como uma divindade local no norte de Ática. No entanto, havia um aspecto de sua conquista que realmente aconteceu, mesmo que a data seja desconhecida e o crédito pessoal deva ser dado a outro líder (ou outros líderes) cujo nome se perdeu. Foi o primeiro passo que levou Atenas a se tornar grande.

Atenas, com sua cidadela quase inexpugnável, era a maior das inúmeras pequenas cidades e aldeias independentes da Ática. Plutarco relata que Teseu

concebeu um plano maravilhoso e abrangente, que não era nada menos senão concentrar os habitantes de Ática em uma única área urbana. Assim, transformou-os em uma comunidade que pertencia a uma cidade; até então, estavam dispersos, por isso era difícil reuni-los em torno de um interesse comum.

Fez uma batalha vigorosa de aldeia em aldeia e conquistou o apoio dos pobres. Para as classes mais influentes, propôs que deveria ser estabelecida uma forma limitada de democracia. Todos os cidadãos deveriam estar em pé de igualdade, embora o governo e a conduta dos rituais religiosos fossem colocados (ou permanecessem) nas mãos da aristocracia rural. Muitos foram residir em Atenas, deixando-a todos os dias para ir trabalhar nos campos.

Esse processo foi chamado de sinecismo, ou “reunião em um só lar”. Ática era agora uma entidade política unitária com o controle central exercido por Atenas. Em outras palavras, tornou-se uma cidade-estado ou, para usar a palavra grega, uma *polis*. Seu herói nacional, Teseu, permaneceu como o símbolo desse desenvolvimento inovador.

Reformas semelhantes ocorreram em outros lugares da Grécia, nem sempre com total sucesso. Na Beócia, por exemplo, as terras que ficavam ao norte

da Ática, a maior cidade de Tebas, nunca conseguiram assegurar mais do que uma federação turbulenta. Ao longo de sua história, a força sempre precisou ser usada para manter a autoridade sobre as partes constituintes.

Teseu foi considerado o primeiro governante do povo de Atenas. Deixou de lado seu poder real, reservando para si apenas o comando supremo na guerra e na guarda da lei. Na prática, é claro, isso significava que ele ainda estava no comando, um autocrata benevolente. O veredicto geral de Plutarco é que ele “fundou uma comunidade, por assim dizer, de todos os tipos e condições de cidadania. No entanto, não deixou sua democracia se tornar confusa e desordenada por multidões de imigrantes”.

Essas histórias sobre Teseu refletem as atitudes daqueles que as inventaram – a saber, os atenienses em busca de um mito fundador. O banditismo e a violência eram comuns no mundo clássico, e aqui temos um herói pronto e capaz de acabar com o comportamento criminoso onde o encontrasse. Além disso, seus feitos são claramente construídos segundo o modelo dos célebres Trabalhos de Hércules, tarefas aparentemente impossíveis que a força desse homem completou com facilidade. Atenas queria ter seu Hércules pessoal.

Um fiel defensor do Estado de direito, este Teseu ficcional se contentava em quebrá-lo quando bem lhe convinha. Descuidado, sexista e um pouco sociopata, inteligente e atraente, disposto a desprezar os deuses e capaz de punir por pura impertinência, Teseu era o tipo de homem que os atenienses tinham orgulho de ser. Vamos encontrar seu tipo de vez em quando à medida que avançarmos pela história da cidade.

A “Idade das Trevas” que se seguiu ao misterioso colapso da civilização micênica durou cerca de três séculos. Monarcas como Teseu tornaram-se uma raridade e, algum tempo antes de 800, quando os gregos emergiram para a luz, Atenas tornou-se uma república governada por um grupo de famílias nobres, uma aristocracia. Combativos e indisciplinados, eles eram um grupo de Teseus.

Em comparação, os espartanos, que são nossos segundos protagonistas, eram conservadores e mantinham seus reis. De fato, não poderiam ter sido mais diferentes dos atenienses em quase todos os aspectos. Os dois estados se davam muito mal. Um amigo sincero da cidade de Corinto disse aos espartanos quão pouco eles tinham em comum com os atenienses. “São inovadores, pensadores astutos e rápidos em colocar seus planos em ação, enquanto vocês gostam de

se apegar ao que têm, não apresentam ideias novas e, quando agem, nunca conseguem tanto quanto deveriam.”

Enquanto os atenienses tinham a mente aberta e se deixavam envolver pelas mudanças, Esparta as temia e resistia a elas, como veremos agora.

CRÍTICA